

Antiga, Mui Nobre, Sempre Leal e Invicta Cidade do Porto

Apelidada a capital do Norte, o Porto tem as suas origens num povoado pré-romano de seu nome “Portus Cale” e é apresentada com autenticidade por Rui Veloso (músico lisboeta criado no Porto) na sua música “Porto sentido”:

“Quem vem e atravessa o rio
junto à serra do Pilar
vê um velho casario
que se estende ate ao mar (...)”

Foi o rio Douro que permitiu ao Porto crescer e desenvolver-se.

Os naturais do Porto, os portuenses, são vulgarmente conhecidos como “tripeiros” porque (reza a lenda) nos primórdios das conquistas em África, os expedicionários levaram a carne disponível e deixaram, para consumo da população, as tripas. Assim nasceu um dos pratos mais famosos da cidade: tripas à moda do Porto.

De “portus cale” derivou o nome do Condado e mais tarde o de Portugal.



O Condado de Portucale foi fundado por Vimara Peres, um dos responsáveis pela conquista definitiva do burgo de Portucale (Porto) aos muçulmanos. Mais tarde, o Condado foi oferecido ao Conde D. Henrique e à Infanta D. Teresa, pais de D. Afonso Henriques, o “Conquistador” e fundador de Portugal que, em 1143, é um reino independente.

A cidade do Porto, na época, era apenas o morro da Sé rodeado por uma muralha chamada primitiva, da qual subsistem atualmente poucos vestígios. Quando a cidade cresceu para fora do espaço amuralhado (por causa das atividades marítimas e comerciais) foi construído um novo perímetro, as muralhas fernandinas, cuja maioria foi demolida no séc. XIX por já não haver motivos para a sua existência.

O Porto foi palco de várias quezílias mas a sua população soube sempre manter-se do lado de quem protegia o reino e a sua independência.

A cidade assistiu ao casamento real de D. João I e D. Filipa de Lencastre (princesa inglesa) e ao nascimento do seu filho, impulsionador do período de expansão marítima de Portugal, o Infante D. Henrique. A Casa do Infante onde, segundo a tradição, o mesmo terá nascido, é o atual Arquivo Histórico Municipal do Porto.

No séc. XIX houve um monarca que deixou o seu coração no Porto (literalmente). D. Pedro IV (D. Pedro I do Brasil) reconheceu a dedicação, coragem, sacrifício e esforço dos portuenses durante as lutas liberais. Como prova desse reconhecimento a Rainha D. Maria II, cumprindo a vontade testamental do Rei, mandou acrescentar novos elementos ao brasão, incluindo o título de “Invicta” (invencível). Mas a maior honra feita à cidade foi a doação do seu coração, que se encontra depositado na Igreja da Lapa. Este momento está representado no pedestal existente por baixo da estátua equestre do monumento a D. Pedro IV, na Praça da Liberdade.

O Porto atraiu também a nobreza estrangeira. É o caso do Rei italiano Carlos Alberto de Sabóia que se exilou no Porto e onde residiu, primeiro, no edifício do Palacete dos Viscondes de Balsemão (Praça Carlos Alberto) e, depois, na Quinta da Macieirinha (onde funciona atualmente o Museu Romântico). Quando faleceu a sua irmã mandou erigir uma capela em sua homenagem, situada nos Jardins do Palácio de Cristal.

A cidade foi também um dos palcos da Guerra Peninsular (portugueses e ingleses contra franceses). O conflito ficou marcado pelo desastre da Ponte das Barcas. Esta ponte, sobre o rio Douro, assentava em barcaças e a sua destruição matou milhares de pessoas que fugiam dos soldados franceses. Na “Rotunda da Boavista” (de seu nome Praça de Mouzinho de Albuquerque) ergue-se um monumento comemorativo da bravura dos portuenses que culmina com o leão a esmagar a águia, em representação dos ingleses vitoriosos face às tropas de Napoleão.



Mas a Guerra Peninsular parece ter tido uma influência inesperada na gastronomia portuense. Dizem que os franceses comiam uma sandes de pão de forma com carnes e queijo à qual, mais tarde, os portuenses acrescentaram um molho especial. Nascia, assim, a Francesinha. Outros dizem que o Restaurante Regaleira, já no séc. XX, se baseou na tosta francesa “croque-monsieur” para criar este delicioso manjar.

O desaparecimento da Ponte das Barcas fez surgir, no seu lugar, a chamada Ponte Pênsil da qual ainda restam dois pilares e vestígios da casa da guarda. Esta Ponte foi desmontada com a construção da Ponte D. Luís(I) da autoria do sócio de Gustave Eiffel. É um ex-líbris da cidade.

Outro será a Torre dos Clérigos cujo projeto é assinado por Nicolau Nasoni. O arquiteto italiano, que também esteve envolvido nas obras de remodelação da Sé, morreu no Porto supostamente na pobreza, sem que se conheça um retrato seu, e terá sido sepultado em local desconhecido na Igreja dos Clérigos.

Não só franceses e italianos foram responsáveis por construções arquitectónicas no Porto. John Carr foi autor do maior edifício neoclássico inglês fora do Reino Unido. O projeto que, pela grandiosidade, muitos acharam ser mais apropriado para um palácio, deu origem ao Hospital Real de Santo António (atual Hospital de Santo António).

Perto deste Hospital fica a Cadeia da Relação (atual Centro Português de Fotografia) onde estiveram presos o escritor Camilo Castelo Branco e Ana Plácido, cujo amor adúltero serviria de inspiração a uma das grandes obras da literatura portuguesa: “Amor de Perdição”. Camilo foi estudante da Universidade do Porto (que ocupa atualmente o edifício da antiga Academia Politécnica que se dedicava ao ensino das ciências industriais). Em 2012 no largo fronteiriço à Cadeia da Relação, Largo Amor de Perdição, foi inaugurada a estátua “Amores de Camilo” em honra do escritor e das suas paixões arrebatadoras.

São também os portuenses pessoas apaixonadas e apaixonantes.

Conhecidos, desde sempre, pelo seu caráter forte e honesto, são hospitaleiros e trabalhadores. Iguamente alegres, o seu lado festeiro é inegável na noite de S. João. De 23 para 24 de Junho a população sai à rua com alhos-porros e martelinhos; há manjericos e lançam-se balões de ar quente que iluminam o céu. Nos bairros populares multiplicam-se os arraiais e em todo lado cheira a sardinha assada. Há fogo-de-artifício e a festa só termina de madrugada.

A frase “o Porto é uma Nação” mostra bem o carinho dos portuenses pela sua cidade. Este carinho é extensivo ao clube de futebol emblemático do Porto e que leva o mesmo nome. A letra do Hino do FCP (Futebol Clube do Porto) é uma verdadeira homenagem à cidade:

“Oh, meu Porto, onde a eterna mocidade

Diz à gente o que é ser nobre e leal.

Teu pendão leva o escudo da cidade
Que na história deu o nome a Portugal.” (...)

Igualmente reconhecido é o vinho que, também ele, leva o nome da cidade. O Vinho do Porto é produzido a partir das uvas que crescem nas encostas do rio Douro. Tornou-se mundialmente famoso graças ao brandy ou aguardente que por hábito se acrescentava para que não azedasse durante as longas viagens e as más condições de armazenamento. É português mas com grandes ligações aos ingleses que muito investiram na sua produção.

O Porto é uma cidade de tradições mas também moderna. Classificada, em 1996, Património da Unesco, foi capital europeia da cultura em 2001. Em 2011 três edifícios da cidade integravam a lista dos melhores do mundo, de acordo com o ArchDaily: o da Vodafone Porto, a Closet House (Matosinhos) e, o mais bizarro, um bar temporário feito para a Queima das Fitas em 2008.

Cidade de grande beleza, o Porto combina, lado a lado, a sobriedade clássica com o modernismo. Como exemplo duas salas de espectáculos: a Casa da Música, na “Rotunda da Boavista”, foi aclamada internacionalmente pela sua originalidade mas não apaga a beleza do Coliseu do Porto que, inaugurado em 1941, foi classificado como monumento de interesse público em 2012.



O importante conjunto arquitectónico da Avenida dos Aliados convive de perto com a animação noturna; bons restaurantes e bons bares. A cidade vive de dia e de noite.

As praias e os parques oferecem momentos de relaxamento.

É o caso do Parque da Cidade, que é o maior parque urbano do país e une os espaços verdes à zona marítima da Foz/Matosinhos, e do Parque de Serralves, que combina a natureza com o museu.

A cidade também recebe o desporto automóvel, com o Circuito citadino da Boavista, e as acrobacias com aviões, com o Red Bull air race que acontece na zona da Ribeira, mesmo sobre o rio, onde o casario histórico deixa passar o Funicular dos Guindais.

Assim é a cidade. Com uma geografia acidentada e com um clima forte, tanto no inverno como no verão. Com pessoas calorosas e que recebem bem.

Todos se sentem em casa no Porto e a cidade oferece tudo o que tem.